

# Ecosofia: movimentos intensivos com o rio

*Aionara Preis Gabriel<sup>1</sup>*

*Elaine Schmidlin<sup>2</sup>*

## RESUMO

O artigo discorre acerca de uma investigação que articula uma prática artística com o conceito de ecosofia de Félix Guattari a partir da seguinte pergunta: o que podemos aprender com o rio? Uma memória, um ensinamento, a relação da palavra com a imagem pela busca de um saber-rio. Trata-se de uma escrita que procura visualizar uma pesquisa de doutorado em Artes Visuais em retrospecto, o que não consiste em uma revisão, mas um retorno ao texto para pensar dele, o que escapa da pesquisa acadêmica e conflui com o modo de viver em sociedade e com o meio ambiente. Abordar o rio pela perspectiva ética, estética e política sugerida pelo filósofo é, também, um modo de produção de subjetividade que busca saídas para as crises de nossa época. Autores como Gilles Deleuze, Suely Rolnik, Ailton Krenak e Paola Zordan colaboram com o risco de propor uma pedagogia do rio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogia do Rio. Ecosofia. Transversalidade. Cartografia.

*Ecosophy: intensive movements with the river*

## ABSTRACT

The article discusses an investigation that articulates an artistic practice with Félix Guattari's concept of ecosophy based on the following question: what can we learn from the river? A memory, a

---

<sup>1</sup> Doutora em Artes Visuais. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0081-8617>. E-mail: [aiopreis@gmail.com](mailto:aiopreis@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7478-1781>. E-mail: [elaine.schmidlin@udesc.br](mailto:elaine.schmidlin@udesc.br).

teaching, the relationship between words and images through the search for knowledge. This is a piece of writing that seeks to see doctoral research in Visual Arts in retrospect, which does not consist of a review, but rather a return to the text to think about it, which escapes academic research and converges with the way of living in society and the environment. Approaching the river from the ethical, aesthetic and political perspective suggested by the philosopher is also a way of producing subjectivity that seeks solutions to the crises of our time. Authors such as Gilles Deleuze, Suely Rolnik, Ailton Krenak and Paola Zordan, collaborate with the risk of proposing a pedagogy of the river. **KEYWORDS:** Pedagogy of Rio. Ecosophy. Transversality. Cartography.

*Ecosofía: movimientos intensivos con el río*

#### **RESUMEN**

El artículo aborda una investigación que articula una práctica artística con el concepto de ecosofía de Félix Guattari a partir de la siguiente pregunta: ¿qué podemos aprender del río? Una memoria, una enseñanza, la relación entre palabras e imágenes a través de la búsqueda del conocimiento. Este es un escrito que busca ver la investigación doctoral en Artes Visuales en retrospectiva, que no consiste en una revisión, sino en un retorno al texto para pensarlo, que escapa a la investigación académica y converge con la forma de vivir en la sociedad y el medio ambiente. Abordar el río desde la perspectiva ética, estética y política que sugiere el filósofo es también una forma de producir una subjetividad que busca soluciones a las crisis de nuestro tiempo. Autores como Gilles Deleuze, Suely Rolnik, Ailton Krenak y Paola Zordan, colaboran con el riesgo de proponer una pedagogía del río. **PALABRAS CLAVE:** Pedagogía de Río. Ecosofía. Transversalidad. Cartografía.

\* \* \*

## **Introdução**

Dos encontros entre seres humanos e rio, quais os movimentos que escapam à subjetividade serializada? Na busca por esses movimentos

intensos, capazes de inundar os modos preestabelecidos, os quais reproduzem desejos orientados pelo capitalismo, o conceito de ecosofia servirá para conduzir essa escrita que elucida, junto com o documentário *Atravessamentos: memórias sobre o Rio Manoel Alves*<sup>3</sup>, a construção de outros modos de existências provocados por práticas artísticas. O entrelaçamento de uma produção artística ao desenvolvimento teórico não representa uma análise do produto ou do resultado. Busca-se, nessa aproximação, apresentar como aconteceu o processo de construção do documentário e os desencadeamentos que envolveram questões sobre educação, meio ambiente, sociedade e subjetividade.

A motivação por trás da criação do documentário foi o desejo de alcançar os lugares íntimos nos quais as memórias ficam guardadas para, então, conhecer como é o rio que corre dentro de cada pessoa. Para tentar chegar nesse lugar, foram traçadas algumas diretrizes que pudessem conduzir e instigar as conversas que aconteceram nas margens do Rio Manoel Alves, localizado no Extremo Sul de Santa Catarina. As seis pessoas que participaram da conversa tinham alguma relação com o rio, seja por trabalho, pesquisas, memórias, educação ou como inspiração.

A abordagem durante as entrevistas deu-se por meio de perguntas que pudessem provocar uma reflexão e conduzir a conversa para temas preestabelecidos e iniciar outros assuntos, pois as perguntas eram abertas e suscetíveis a interpretações pessoais. As questões perpassavam pelas impressões acerca do território, da colonização, do meio ambiente e da economia, e seguiam a lógica da temporalidade do curso da água e do curso da vida entre passado, presente e futuro. Para marcar essas três temporalidades, foram desenvolvidas, após a conversa, algumas práticas que pudessem se desdobrar em outros trabalhos, outras produções artísticas sobre o mesmo tema. Ao passado, para materializar as lembranças e registrar as histórias vividas e partilhadas, foi solicitado

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.pedagogiadorio.com.br/projetos/v%C3%ADdeo-atravesamentos>. Acesso em: 6 abr. 2025.

para cada pessoa entrevistada que escolhesse uma pedra em sua volta para escrever sob sua superfície uma palavra que representasse uma memória ou aquele momento.

As pedras foram levadas para casa para que as palavras, escritas a lápis, pudessem ser cravadas com o uso de uma microrretífica. Essa etapa de marcar a pedra com o uso de um equipamento foi documentada nos vídeos *Palavras Marcadas*<sup>4</sup>, registrando o processo e o movimento insistente de afundar a palavra na pedra. Com as pedras prontas, foi preciso retornar ao rio com elas para então interpretar cada palavra e, pela fotografia, obter imagens que pudessem ilustrar cartões-postais<sup>5</sup>. A distribuição e circulação desses cartões entre os moradores de Morro Grande e de Meleiro, e entre estudantes das escolas desses municípios, representam o tempo presente.

Para finalizar as propostas artísticas, agora abrangendo o futuro, foi realizado, após a conversa, um momento de elaboração de barquinhos de papel utilizando a técnica do origami, de modo que fosse possível conter a concepção de rio de cada participante daquele encontro. Essas concepções foram escritas no barquinho, lidas e interpretadas<sup>6</sup> por cada pessoa e, logo após, colocadas sobre a superfície do rio, para serem carregadas pela água, como um gesto para alcançar o futuro.

Entre os assuntos abordados no desenrolar das conversas, destacam-se aqueles que, pelo saudosismo de uma época de poucos recursos e muita invenção, evidenciaram as transformações do uso e do manejo com o rio. Tais transformações estão diretamente relacionadas ao sistema de subjetivação capitalista que pela separação rígida entre o mental, o social e o ambiental, tem o rio e todos os elementos naturais como um conjunto de recursos capazes de serem apropriados pelo homem. Essa lógica produtivista do capitalismo que opera na exploração da força

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.pedagogiadorio.com.br/projetos/palavras-marcadas>. Acesso em: 6 abr. 2025.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.pedagogiadorio.com.br/projetos/cart%C3%A3o-postal>. Acesso em: 6 abr. 2025.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.pedagogiadorio.com.br/projetos/poemas>. Acesso em: 6 abr. 2025.

de trabalho para sustentar a economia está intrínseca e indissociavelmente ligada à produção da cultura e da subjetividade humana. É diante desse quadro que a filósofa Suely Rolnik (2018) desenvolve seu pensamento sobre como subverter a política que coloniza tanto a economia como a produção de desejos, pois, segundo a autora:

[...] é da própria vida que o capital se apropria; mais precisamente, de sua potência de criação e transformação na emergência mesma de seu impulso – ou seja, sua essência germinativa -, bem como na cooperação da qual tal potência depende para que se efetue em sua singularidade (Rolnik, 2018, p. 32).

Em suas críticas ao regime macropolítico colonial capitalístico, que principiou junto ao filósofo Félix Guattari, a psicanalista alerta sobre o extrativismo que este sistema produz ao se apropriar dos recursos naturais até as últimas consequências e como este sistema também produz danos ao inconsciente e à subjetividade. Para isso, não basta agir na esfera macropolítica, é preciso pensar em como dissociar a relação entre o capital e a potência de criação. Para contrapor a macropolítica dos sistemas de poder institucionais e estruturais da sociedade, a autora investe em uma micropolítica que atue nas interações sociais em escalas individuais e cotidianas. Com isso, constrói-se “o comum”, ou “campo imanente da pulsão vital de um corpo social quando a toma em suas mãos, para direcioná-la à criação de modos de existência para aquilo que pede passagem” (Rolnik, 2018, p. 33). Na listagem das sete esferas que diferenciam as insurreições nas escalas macro e micropolíticas, sendo elas: foco, agentes em potencial, o que move os seus agentes, intenção, critérios de avaliação das situações, modos de operação e modos de cooperação, vale destacar a segunda esfera, na qual os agentes em potencial são divididos em duas categorias: humanos e não

humanos. Para uma insurreição macropolítica nessa esfera, os agentes em potencial são apenas os humanos.

No entanto, para que aconteça uma insurreição em escala micropolítica, os agentes em potencial são os humanos e todos os elementos que compõem a camada da biosfera e se manifestam aos seus modos quando acontece algum tipo de violência contra a vida.

Por exemplo, um rio que seca pelo excesso de lixo colonial-cafetinístico e que, diante disso, se insurge deslocando-se para o subterrâneo, onde encontra a possibilidade de voltar a fluir, agora protegido de tais efeitos venenosos; ou ainda árvores que florescem antes da primavera, rebelando-se contra o risco de esterilidade que pode decorrer do acúmulo de poluição (Rolnik, 2018, p. 124-125).

Rios, como agentes não humanos que têm reagido de forma recorrente às ameaças à sua vitalidade, derrubando pontes, impedindo passagem, engolindo cidades, afogando estratégias políticas e econômicas de um regime que é incapaz de controlar essas forças, para então retomar seu espaço de curso.

Em cada tragédia, o rio assusta pela forma violenta e avassaladora que irrompe seus limites, onde o que deveria assustar é a forma violenta como suas margens são ocupadas. Todo desenvolvimento das sociedades aconteceu perto da água, e ainda que tenhamos aprendido quase nada com a fala dos rios, é preciso, segundo Krenak (2022, p. 37), “mergulhar profundamente na terra para recriar mundos possíveis”. Uma relação de cuidado, respeito e reciprocidade, sem que haja fronteira entre humano e não humano. É nesse sentido que Suely Rolnik (2018) orienta que, ao trabalhar com a subjetividade, deve-se operar pelas vias da forma e das forças para qualificar a capacidade pessoal sensorial-sentimental-cognitiva. As formas podem ser captadas pela percepção e pelo sentimento: uma apreensão do mundo que

geralmente já vem associada a códigos e representações construídos socialmente. As forças decorrem dos encontros entre o corpo e o mundo, produzindo novas relações de distintos efeitos, outras maneiras de ver e de sentir a mesma coisa.

Com efeito, a exibição do documentário nas escolas próximas ao curso do Rio Manoel Alves despertava o interesse dos alunos em compartilhar lembranças pessoais, histórias ouvidas por familiares ou simplesmente o reconhecimento de algum lugar. Nesse sentido, a atenção para memórias e desejos revelados pelas falas dos entrevistados possibilitou que outros modos de habitar e de conhecer o rio pudessem acontecer dentro da sala de aula. Sem que a lógica do pensamento moderno-capitalista-extrativista fosse acionada, como falou Rolnik, mas que pudesse fazer emergir diferentes interações entre o rio e as subjetividades dos alunos.

Essa produtividade que desarticula o todo e objetiva “descolonizar o pensamento” foi desenvolvida por Félix Guattari com o conceito da ecosofia, a qual trabalha com os modos de habitar e conhecer este mundo que não estejam relacionados ao caráter hierárquico ditado pelo sistema dominante. Partindo dessa introdução, o texto se alinhava pela postulação e aprofundamento do conceito de ecosofia, tendo o rio como uma conexão teórica e prática de questões que perpassam o campo pessoal, o social, o político e o educacional.

### **O conceito de ecosofia enquanto paradigma ético-estético**

Desenvolvido pelo filósofo francês Félix Guattari (1930-1992), o conceito de ecosofia é composto por três eixos: o social, o mental e o ambiental. Sua análise relaciona, de modo lógico e heterogêneo, o que é natural, cultural, meio ambiente e o que é ser humano. Para o autor, são as incessantes transformações técnico-científicas que desencadeiam desequilíbrios ecológicos ameaçadores para toda a diversidade de vida existente. Os modos de vida individual e social estão contaminados pelo

consumo da mídia, padronizando comportamentos e relações interpessoais, comprometendo “a relação da subjetividade com sua exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica [...]” (Guattari, 2012, p. 8). A definição de ecosofia para o filósofo não é a caracterização de uma disciplina, mas uma prática ética, política e estética que intenciona a retomada do ser humano e de seu modo de viver em sociedade com o meio ambiente.

Ao se deparar com essa palavra, pode-se pensar, à primeira vista, que seu significado indica uma relação apenas com as questões ecológicas e filosóficas. Antes de adentrar o tema, é preciso diferenciar a definição das palavras ecologia e ecosofia. A ecologia foi criada pelo cientista alemão Ernest Haeckel (1834-1919) pela derivação do grego *oikos* = casa + *logos* = estudo, para designar a relação entre os seres vivos e a sua interação com o meio ambiente. Já a ecosofia tem sua construção derivada da combinação das palavras gregas *oikos* = casa + *sophia* = sabedoria, ou uma sabedoria do habitar (Silva, 2019). De certo modo, esse neologismo está associado a estes conceitos pela busca de um equilíbrio ecológico, mas tem alcances nos princípios éticos, políticos e estéticos da sociedade.

O pensamento ecosófico de Guattari serve como uma bússola para esta pesquisa que explora transversalmente o rio, fazendo uso dos três eixos propostos pelo autor: o social, o mental e o ambiental. Tomemos como exemplo a narrativa construída no documentário *Atravessamentos: memórias sobre o Rio Manoel Alves*. Em todos os relatos existe o mesmo sentimento de que a forma de uso e de manejo do rio alterou a paisagem, o meio ambiente e, principalmente, a relação entre ser humano e rio. Tal situação expõe o quanto os fenômenos poluidores estão atrelados à mudança de nossos hábitos, atingindo, também, fauna, flora e qualquer construção coletiva de ser-água e ser-humano. Essa necessidade de progresso a qualquer custo é uma questão socioecológica decorrente da colonização dos desejos pelo capital, conforme visto em Rolnik (2018), e impede que aconteçam outros tipos de escuta e de envolvimento entre seres humanos e não humanos.

Em termos de uma perspectiva ecosófica comprometida em discutir questões relacionadas à invasão, ao genocídio dos povos originários que habitavam a região do Extremo Sul de Santa Catarina e toda a lógica da economia capitalista, torna-se necessário emergir a ameaça à vida provocada pelas transformações técnico-científicas-sociais. Tendo em vista o assalto desses modos contínuos de produção, Ailton Krenak (2020, p. 22) faz as seguintes perguntas sobre a dissociação entre humano e natureza: “recurso natural para quem? Desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar?” Nesse rastro de que existe apenas uma história que impera e invisibiliza a diversidade de povos e existências, o pensador indígena lembra-nos como essa construção social nos distancia do nosso lugar:

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo (Krenak, 2020, p. 22).

A cosmovisão de que trata Krenak é produzida por um saber situado, construído pelas conexões entre seres humanos e ecossistema, e é aqui que se assume a responsabilidade pela própria vida. Assim como Guattari (2012), que escreve acerca das “marchas a ré” que a natureza pode reservar quando não existe uma gestão coletiva e responsável que oriente as ciências e as técnicas para as finalidades humanas. Não se trata de querer voltar ao passado e retomar as antigas maneiras de viver, mas de admitir que é preciso lidar com os fatos e buscar uma reorganização dos métodos utilizados pela cosmovisão. Perceber a urgência dessas propostas é entender que a humanidade precisa reassumir a si mesma para continuar tendo história. Assim como aparece no trecho retirado do documentário (Figuras 1 a 4):

**FIGURAS 1 a 4:** *Frames do documentário **Atravessamentos: memórias sobre o Rio Manoel Alves***





**Fonte:** <https://www.pedagogiadorio.com.br/projetos/v%C3%ADdeo-atravesamentos>.  
*Frames:* 8'48" a 9'03".

Um modo “não harmonioso” que evidencia como as transformações comportamentais, sejam individuais ou coletivas, têm descolado de maneira absoluta o ser humano desse organismo que é a Terra. Neste *frame*, o rio, enquanto forma e força, coloca para funcionar sua engrenagem ecosófica, que, ao fazer girar a roda d’água, abre espaços e movimenta os fluxos entre humanos e não humanos.

Os encontros realizados nas margens do rio para compartilhar as experiências cotidianas entre rio e ser humano soam como um convite para mergulhar nesses questionamentos acerca do lugar que queremos viver, tendo em vista a experiência enquanto indivíduo e enquanto comunidade. Ainda referenciando Krenak (2020), são também as histórias que, ao serem contadas, abrem espaço para que a vida possa fluir em sua potência como um exercício de fabulação, e assim é possível adiar o fim do mundo. Nesse processo de aprendizagem integrativa, as memórias corporais também são naturais.

Ao provocar este tensionamento entre o elemento rio e os princípios ético-estéticos do ser humano, em vez de ecologia, é o conceito de ecosofia que justifica como essas associações podem contribuir para os processos formativos. Isso porque a ecologia é um produto aliado a todo o sistema de

produção vigente, que se preocupa em fazer alguma coisa com o próprio lixo produzido e ainda utiliza isso como estratégia de marketing (Krenak, 2020). Sabe-se da importância que a ecologia tem como área do conhecimento, de preservação do ambiente e da vida como uma reparação às mudanças comportamentais do ser humano. Porém, essa concepção, a qual faz parte de discussões nos diversos setores da sociedade, como na política, na educação, na economia, na arte e nas mídias, apresenta apenas uma ideia de conservação. Nesse sentido, Ana Godoy comenta que existe nesta ecologia maior, um padrão dominante que reproduz as verdades do mundo. “Não se questiona a verdade da ecologia maior, mas sim o valor do conhecimento que ela exprime, sua capacidade de criar e instituir valores que não prescindem da crença na verdade” (Godoy, 2008, p. 56).

Ao falar sobre ecologia maior, a autora referencia os conceitos de maior e de menor criados por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010a). O empréstimo do termo é utilizado como uma ferramenta para diferenciar a ecologia dominante (maior) – a que cria suas verdades e políticas de acordo com seu interesse uniformizante –, e a ecologia como expansão da vida (menor) – a que cria e experimenta outras relações com o mundo e com as coisas. Para a autora (Godoy, 2008, p. 152), a ecologia maior é a conservação do mesmo, enquanto a ecologia menor se ocupa com a invenção de novos modos de existência.

No contexto de um rio, a ecologia da conservação (maior) pode atuar como uma panfletagem para as campanhas políticas mostrarem a criação de parques, estações ecológicas, reservas ambientais ou projetos de limpeza, sem necessariamente tratar dos problemas relacionados ao uso e ao manejo da água. Diferentemente do contexto de um rio pela perspectiva do menor, que, ao reconhecer como as diferentes formas de habitar estão entrelaçadas e comprometidas com os modos de utilização das suas águas, abre espaços para que outros modos de existir, que não utilizem o rio apenas como recurso, possam se fazer presentes. Para isso, Guattari (2012) sugere que haja uma nova referência ecosófica, indicando linhas de recomposição das práxis

humanas nos mais variados domínios, sejam individuais ou coletivos. Uma revolução que deverá alcançar as formas visíveis e estruturais da sociedade e as forças sensíveis do ser humano.

Em seu livro *As três ecologias* (2012), o autor define as três práxis ecológicas da seguinte maneira: ecosofia social, que visa trabalhar com a relações humanas a fim de modificar e reinventar as maneiras de se relacionar; ecosofia mental ou subjetiva, que se detém na psique e no consciente do sujeito enquanto indivíduo, reinventando-o com o corpo, com os seus fantasmas e com os mistérios da vida e da morte; ecosofia ambiental, que se volta para a preservação das espécies frente às catástrofes ambientais provenientes da ação humana.

É no conjunto dessas frentes emaranhadas e heterogêneas que, parece-me, deverão articular-se as novas práticas ecológicas, cujo objetivo será tornar processualmente ativas singularidades isoladas, recalcadas girando em torno de si mesmas (Guattari, 2012, p. 34).

Para que as três ecologias sejam colocadas em prática, importa organizar novas práticas micropolíticas e micro sociais, aliadas a novas práticas estéticas que favoreçam a formação do inconsciente – o lugar de produção do desejo. O inconsciente como potência de existir, que sobrevém à análise psicanalítica de desejo como falta e explora as relações de poder impostas pelo modelo de produção capitalista, para assim desenvolver práticas ecológicas, sociais e políticas que saiam dessa situação e contribuam para o desenvolvimento da humanidade. Com essa proposta de novas abordagens de trabalhar a ecologia por práticas de formação subjetiva, as quais problematizem as questões políticas, sociais e econômicas em que vivemos, há, pela perspectiva do filósofo, uma forma de trabalhar a ecologia pela emancipação do indivíduo, sem que sua imagem esteja vinculada apenas

a uma pequena minoria de ambientalistas, amantes da natureza e comunidades que dependem das reservas naturais para sobreviver.

Diante dessas questões encontradas nos escritos de Guattari (2012), a ecosofia, por estar integrada às transformações do ser humano enquanto indivíduo político e social, está relacionada a um processo de reconstrução das identidades sociais e subjetivas, ao que o autor denomina de ressingularização. Sendo assim, a ecosofia deve provocar práticas especulativas renovando as atuais práticas dominantes que orientam o ser humano, a sociedade e o meio ambiente.

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do socius em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época (Guattari, 2012, p. 55).

E como seriam essas práticas capazes de intervir nesses três eixos? O que fazer com a massificação do sujeito diante da influência da mídia? Como abrir espaço para a criação e para que aconteça a reinvenção desse olhar para a natureza? Para que aconteça essa revolução que Guattari (2012) sustenta, é preciso construir sistemas que articulem as três práticas ecológicas para além da produção de bens materiais; trata-se de desenvolver ações em pequena e média escala que considerem as atitudes sociais, os desejos, a subjetividade e a preservação das espécies. Dessa forma, por contribuir com essas discussões que perpassam os três eixos, a ecosofia revalida seus fundamentos como uma prática educacional ética-estética. Por meio das três ecologias do autor foi possível estabelecer uma relação com o rio e os mananciais; com os moradores que se beneficiam da água e com a economia local.

## **Pedagogia do rio**

Uma abordagem que começa com um problema, trata com seriedade o chamado de Guattari de não se ater aos mitos da sustentabilidade gerados pela economia de produção, e procura problematizar sobre como essa economia pode ser danosa para a saúde do homem e da terra, requer que se criem estratégias para descobrir não uma solução, mas condições para a existência de uma ecologia aberta para as variáveis e esteja conectada com a sabedoria do habitar.

O documentário que conduz esta escrita e atravessa toda a construção desta pesquisa contém a dimensão de um rio que habita a terceira margem, onde os aspectos do rio são abordados pela afetividade e por seus ensinamentos. Neste tempo de pausa para escutar e aprender com o Rio Manoel Alves, aparece uma nova relação entre ser humano e rio, que sob um viés poético, transforma-o em um saber-água. Assim nasce a Pedagogia do Rio, que quer se afirmar como um conjunto de enunciados educacionais para uma formação ética-estética, abordando as relações entre as ecologias terrenas e as ecologias subjetivas.

Para que o rio possa movimentar práticas pedagógicas, a educação passa a ser uma ferramenta que, pela perspectiva de um saber-rio, conflui os conteúdos que fazem parte de um contexto de ensino e aprendizagem, bem como os saberes comuns vinculados à superfície da terra. É nesse sentido que o rio dinamiza um campo de possibilidades para práticas pedagógicas, tornando-se uma referência para pensar as práticas ético-políticas e estéticas; como um dispositivo analítico e ao mesmo tempo produtor de subjetividade (Guattari, 2012). A Pedagogia do Rio é um projeto que não pertence às formas de hierarquização do conhecimento entre o que se ensina e o que se aprende, pois está comprometida com uma educação para Gaia, em que o elemento rio é traçado junto com a experiência da aprendizagem. Um caminho a ser trilhado entre as três

margens do rio, ou um rio que pode ser navegado com barquinho de papel, ou, ainda, um mergulho nas bases geofilosóficas que procuram compor, pelas práticas pedagógicas, uma formação ética-estética com o rio. Assim como exposto neste *frame* retirado do documentário, no qual a construção pedagógica teve como um dos pontos de partida o processo de ocupação do território ao qual o Rio Manoel Alves está inserido.

**Figura 5 a 8:** *Frames* do documentário *Atravessamentos: memórias sobre o Rio Manoel Alves*





**Fonte:** <https://www.pedagogiadorio.com.br/projetos/v%C3%ADdeo-atravesamentos>.  
*Frames:* 13'09" a 13'37".

Como em quase todo lugar que foi colonizado, a ocupação das margens do rio se deu pelo acesso à água para moradia, atividades do cotidiano, agricultura e, conseqüentemente, a exploração dos recursos naturais. Nesse processo de desenvolvimento da sociedade, fica evidente como os avanços socioeconômicos que impactaram nas dinâmicas naturais da água continuam sendo justificados pelos benefícios que proporcionam. No contexto do Rio Manoel Alves, tal situação pode ser observada pela retirada de pedras para serem usadas nas construções de estradas, casas e aterramentos; desvio do curso do rio para irrigação agrícola; retirada da

água com uso de motores para irrigação agrícola; poluição oriunda das indústrias locais; saneamento básico ineficiente e, principalmente, o envenenamento das águas do rio com o uso dos agrotóxicos.

Tendo em vista todos esses fatos, em 2016, o Conselho Estadual de Recursos Hídricos (CERH) do Estado de Santa Catarina deliberou o projeto-piloto de outorga de uso da água para o setor irrigante da bacia do Rio Araranguá em que o Rio Manoel Alves está inserido (nº 20.454, resolução nº 15, de 20 de dezembro de 2016). Embora essa prática de conceder o uso da água à empresas já fosse frequente em outros lugares, o Rio Manoel Alves foi o primeiro do Estado a receber um projeto de outorga do uso da água para o beneficiamento de agricultores que estão às margens do rio. Considerando que tal prática contribui com a poluição das águas, cabe indagar sobre a ausência de contrapartidas pelos que logram desta entidade apenas como recurso.

O agrônomo e ambientalista brasileiro José Lutzenberger (2012), que passou parte da sua vida trabalhando em indústrias químicas especializadas em fertilizantes agrícolas e outra parte atuando contra o uso destes insumos em defesa do meio ambiente, relata, em seus livros, sobre como a agricultura, que deveria ser o principal dos fatores de saúde do homem, é um dos principais fatores de poluição. Junto com a apropriação do território, os rios também foram colonizados por essas ações que se apropriam de suas águas enquanto recurso e paisagem, contribuindo para a perda da biodiversidade e o afastamento entre ser humano e rio. O reconhecimento do uso do rio como espaço social aqui identificado, bem como o comportamento natural do curso da água, é uma análise indispensável a ser feita previamente para que outros futuros, diferentes dos futuros já delineados, possam ser colocados em prática.

Retornemos aqui à ação que fez parte do documentário, de fazer um barquinho de papel e colocar sobre a superfície da água para ser carregado pela correnteza, contendo as intenções de um rio no futuro. Isso serve não apenas para os municípios atravessados pelo Rio Manoel Alves, mas para toda

a população que se beneficia com o uso das águas. Em suma, a Pedagogia do Rio indica uma prática movente e transversal, de modo a incorporar à sua perspectiva ecosófica a temporalidade, a espacialidade e as materialidades do rio como recursos para a prática pedagógica em arte.

Por esses meandros conceituais, a geofilosofia de Deleuze e Guattari (2010b) segue o mesmo fluxo por compreender que o pensamento se faz na relação entre o território e a terra. Ao associar o pensamento com a terra, os filósofos referem-se à existência de uma geografia mental a partir de uma perspectiva geográfica. Isso porque, diferentemente de outras perspectivas filosóficas, o pensamento não se faz somente em relação ao sujeito e ao objeto, mas sim pela relação primeira com a terra. “Pensar não é um fio estendido entre o sujeito e o objeto, nem uma revolução em torno do outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra” (Deleuze; Guattari, 2010b, p. 103).

Com um recorte pontual sobre o conceito, a questão nasce como uma crítica à origem da filosofia por estar associada a um lugar; e, para os autores, a filosofia não depende de uma origem, mas de um meio. Esta é a imanência, um espaço por onde os conceitos movem-se e que orienta o pensamento. Para os autores, a filosofia é decorrente deste exercício do pensamento entre quem habita um lugar e se relaciona com este território.

Entramos, aqui, em uma outra questão que é cara aos autores: o território, que possui duas zonas indiscernibilidade, “a desterritorialização (do território à terra) e a reterritorialização (da terra ao território)” (Deleuze; Guattari, 2010b, p. 113). A desterritorialização possui duas formas de pensar, denominadas de modo relativo, que é quando o pensamento se relaciona aos fatores físicos, como a geografia, os astros e o cosmo; e de modo absoluto, que é quando a Terra entra no plano de imanência do pensamento. A reterritorialização acontece com a reconstituição de um novo território a partir dos elementos desterritorializados.

Sendo esses dois processos inseparáveis e simultâneos, seria possível falar de um pensamento que nasce com o fluxo do rio? Segundo

os autores, é possível, desde que o pensar ocorra sobre o plano de imanência e esteja povoado de conceitos e de figuras. O que se exclui é a ideia de que a filosofia apresenta apenas necessidades internas, pertencentes ao seu campo conceitual. A filosofia acontece do encontro com as questões da Terra, que se manifestam pelas suas características sociais e políticas, e, por isso, uma geofilosofia. O rio passa a ser esse plano em que o pensamento acontece a partir da interação entre Terra – ou então água – e quem o habita, seja suas margens ou seu interior. Esse conceito também se afirma no pensamento de Paola Zordan (2019), em sua publicação *Gaia Educação: arte e filosofia da diferença*, ao abordar as questões da educação e da ecosofia pela perspectiva da geofilosofia:

Pensar Gaia como um corpo vivo, interagindo com os demais corpos, é tirar o humano do centro de atenção e compreender que todos os corpos criados se interconectam num único ser. [...] Agir em prol do planeta é parar de pensar somente no humano, abrindo a perspectivas de pensamento em que máquinas criadas pelos humanos e as forças da natureza possam coexistir sem que a humanidade se sobreponha à saúde planetária (Zordan, 2019, p. 13).

Como se a Terra fosse uma pele que revestisse todas as formas de vida que nela habitam e tudo que é feito dentro dessa camada influi a todos. Essa perspectiva aproxima a prática docente da Terra, procurando equilibrar o conhecimento científico e o conhecimento prático que esse lugar exige. O modo de vida contemporâneo tem gerado uma reação em cadeia que começa com a manipulação do desejo pelo capital, impulsionando para o consumo e para a necessidade de ter coisas, que geram pilhas e pilhas de resíduos pouco recicláveis, ou, quando possível, têm um custo mais alto para reciclar que fabricar um novo produto.

Os saberes necessários que constroem os modos como nos relacionamos com a Terra são os mesmos que destroem toda a essência da

vida em prol de um desenvolvimento de valores tacanhos. Não se trata de propor uma abordagem para coleta, separação e reutilização dos resíduos, mas provocar mudanças nas bases do pensamento humano. A Pedagogia do Rio tem como princípio um conhecimento primordial, construído a partir da ação e do uso das matérias da Terra de modo a preservá-las e mantê-las saudáveis.

O anúncio de um futuro no qual o serviço humano fosse substituído por máquinas já é o presente. E, tal acontecimento contribui para a perda de habilidades manuais, de produzir objetos e realizar atividades corriqueiras. Esse distanciamento da manualidade e, conseqüentemente, do processo de criação, inibe as descobertas e as surpresas do desconhecido que são pertencentes a esse tempo da criação. Desse modo, Zordan aborda a arte em seu pensamento geoplástico para proporcionar um plano de composição que movimente outros modos de pensar. Por isso, para a autora, pensar com arte, “é pensar com as matérias da terra, com suas formas, com modos de expressão que jamais se apartam dos corpos dos instrumentos e elementos dos quais a que a arte se fez valerem suas mais variadas manifestações” (Zordan, 2019, p. 14). É uma perspectiva ecosófica que aproxima às ecologias terrenas das ecologias subjetivas interpessoais, envolvendo o que ela chama de produções geoplásticas. O pensamento geoplástico condiz com essa interação que a arte pode provocar entre ser humano e ambiente físico, como um facilitador para novas experiências e interações com o mundo.

Essas produções consideram como relevante tanto o fazer artístico que uma obra de arte necessita quanto o aprender com um agricultor analfabeto. A pretensão é unir o conjunto dos costumes e dos hábitos que fundamentam os saberes nas dimensões institucionais e domésticas, possibilitando que a sala de aula aconteça em outros contextos, com “uma estética existencial que promova novos valores nas relações entre o que humanos fazem e o que a terra nos oferece” (Zordan, 2019, p. 15). Ao se valer da arte como uma ciência não acadêmica, anterior às divisões

iluministas do conhecimento que utilizavam, a partir da razão, os conhecimentos, as técnicas e os procedimentos sobre a matéria com resultados úteis, a arte de Gaia Educação prolifera invenções que nem sempre estão relacionadas a algo útil, pois estão voltadas para o espírito.

O movimento que impulsiona a arte em Gaia Educação é o desejo pela aprendizagem, uma vontade de aprender com a matéria e levá-la à sua profundidade. A Pedagogia do Rio é esse desejo de criar e extrair, do rio, muito mais do que ele pode nos dizer. É perceber, em seus signos ocultos, as intensidades que são próprias de todos os elementos que o compõem. Portanto, interessa à Pedagogia do Rio tensionar relações de existência entre ser humano e natureza, entre ser humano e rio, atravessando o plano de imanência com uma educação voltada para uma formação ética-estética. É preciso experimentar esse rio, provar, pela arte, pela filosofia e pela ciência como operacionalizar a diversidade de saberes. Isso porque a prática da educação transversal, aliada à arte, à filosofia e à ciência pode provocar mudanças significativas nos modos de viver e pensar este mundo. E isso requer que seja adotado o que Deleuze e Guattari (2010a) chamam de existência ética-estética, para que haja um aprendizado experienciado e comprometido. Não se trata de um procedimento pedagógico que procura manter o controle dos alunos e conduzi-los a um objetivo preestabelecido, mas criar modos singulares de ensinar e de aprender.

O pensamento com o rio não está alheio à sociedade, ele se faz num plano relacional democrático e coletivo, com a junção da estética (a arte) e os conceitos (a filosofia), pois qualquer ação interfere na vida da comunidade. A partir dessa aproximação da geofilosofia com a Pedagogia do Rio é que arrisco dizer, pela perspectiva ético-política e estética da ecosofia, que a possibilidade de criar outras versões de rio, diferentes daquelas que habitam o futuro provável de um rio seco e envenenado, depende da oportunidade de dar voz ao rio como um chamado à existência. Assim, a problemática desta pesquisa é fazer com que a arte possa

abordar o território dos saberes de forma transversal e criar práticas pedagógicas em que a aprendizagem seja produção de diferença.

## Referências

- DELEUZE, Gilles. Os intercessores. In: *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 151-168.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2010b.
- GODOY, Ana. *A menor das ecologias*. São Paulo: Editora USP, 2008.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 21st Edition. Translation by Maria Cristina F. Bitencourt; Translation proofreading by Suely Rolnik. Campinas: Papyrus, 2012.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2nd Edition. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LUTZENBERGER, José. *Manual de Ecologia: do jardim ao poder: vol. I*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- MELO DA SILVA, D. *A ecosofia de Michel Maffesoli e suas implicações tecnocomunicacionais*. *Mídia e Cotidiano*, v. 13, n. 2, p. 70-88, 30 ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.22409/ppgmc.v13i2.29088>. Accessed on: April 4, 2025.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- SANTA CATARINA. Diário Oficial – SC – Nº 20.454. Resolução CERH Nº 15 de 20 de dezembro de 2016. Resolução do Conselho Estadual de Recursos Hídricos. Available at: [https://www.aguas.sc.gov.br/jsmallfib\\_top/mvs/conselho/resolucao/Resolucao\\_CERH\\_n\\_015\\_outorga\\_irrigacao.pdf](https://www.aguas.sc.gov.br/jsmallfib_top/mvs/conselho/resolucao/Resolucao_CERH_n_015_outorga_irrigacao.pdf). Accessed on: April 4, 2025.

SANTA CATARINA. Resolução CERH N° 019, de 02 de abril de 2018. Resolução do Conselho Estadual de Recursos Hídricos. Available at: [https://www.aguas.sc.gov.br/jsmallfib\\_top/mvs/conselho/resolucao/Resolucao\\_CERH\\_n\\_019\\_altera\\_prazo\\_outorga\\_manoel\\_alves.pdf](https://www.aguas.sc.gov.br/jsmallfib_top/mvs/conselho/resolucao/Resolucao_CERH_n_019_altera_prazo_outorga_manoel_alves.pdf). Accessed on: April 4, 2025.

SILVA, D. M. A ecosofia de Michel Maffesoli e suas implicações tecnocomunicacionais. *Mídia e Cotidiano*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 70-88, ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.22409/ppgmc.v13i2.29088>. Acesso em: 4 abr. 2025.

ZORDAN, P. *Gaia Educação: arte e filosofia da diferença*. Curitiba: Appris, 2019.

Recebido em maio de 2025.

Aprovado em dezembro de 2025.